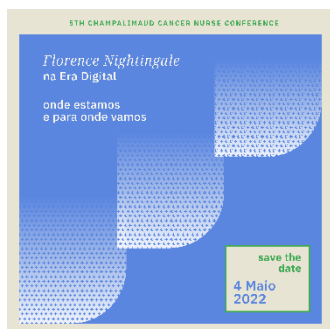




## Florence Nightingale na Era Digital: "Onde estamos e para onde vamos?"

5th Champalimaud Cancer Nurse Conference - Dia 4 de Maio de 2022.

|       |                                                                                                                                                                                                                     |
|-------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|       | "Um pouco de agulha, um pouco de escrita e um pouco de limpeza": Reskilling e Upskilling.<br>Moderadora: <i>Alexandra Belchior</i>                                                                                  |
| 15:15 | Como imagina o enfermeiro do futuro? Vídeo<br>"Novas exigências: que adaptações no ensino de Enfermagem?" - <i>Lucília Nunes</i><br>"A experiência internacional. Uma evolução natural?" - <i>Virgínia Ferreira</i> |

### RESKILLING E UPSKILLING

#### – Novas exigências: que adaptações no Ensino de Enfermagem?

Os dois termos que intitulam a mesa - **reskilling** e **upskilling** – não significam a mesma coisa.

Começemos por aqui... **Upskilling** significa aumentar as habilidades e o conhecimento que um trabalhador já possui numa determinada área para um nível mais elevado, de modo que ele se torne mais qualificado e relevante no seu papel dentro da organização. **Mais qualificação.**

Reskilling, ou **requalificação**, envolve a aprendizagem de novas habilidades para que possa fazer um trabalho diferente. Ao contrário do **upskilling**, que se concentra em adicionar um conjunto de habilidades existente numa função (por exemplo, devido a uma nova tecnologia), **reskilling**, a **requalificação** refere-se ao processo de aprender novas habilidades necessárias para realizar um trabalho totalmente diferente.

A qualificação e a requalificação são iniciativas que os empregadores geralmente incentivam, reconhecendo-se vários benefícios no local de trabalho. Também é possível que as pessoas se comprometam com a qualificação ou requalificação por conta própria.

A **requalificação** tornou-se uma palavra de ordem entre governos e organizações mas também é uma estratégia essencial para que as organizações atendam às suas necessidades (em recursos humanos) e tenham sucesso num mundo em mudança. Para as pessoas, a

requalificação pode apresentar oportunidades para mudar de função na sua organização atual ou numa nova empresa. De acordo com o *Relatório sobre o Futuro dos Empregos* do Fórum Económico Mundial em 2020, mais de 40% de todos os funcionários em todo o mundo precisará de requalificação até 2025 – e esse número nem inclui todas as pessoas que atualmente não estão empregadas.

Em 2020, no encontro em Davos-Klosters, o Fórum Económico Mundial lançou a plataforma **Reskilling Revolution**, um esforço ambicioso para reunir governos, empresas, plataformas de aprendizagem online, sociedade civil e organizações para fornecer melhor educação, habilidades e empregos para 1 bilhão de pessoas até 2030.

Em janeiro do ano passado (2021), o Fórum Económico Mundial emitiu um relatório intitulado **Upskilling for Shared Prosperity**<sup>1</sup>, aumentar competências para uma prosperidade partilhada. A pandemia expôs deficiências estruturais nas instituições e nas economias e ampliou fortemente as desigualdades. Pessoas que já estavam em desvantagem foram atingidas de modo particularmente difícil.

Mesmo antes da COVID-19, o aumento da automação e de novas tecnologias estava a transformar o mundo do trabalho, havendo já sinais de uma necessidade urgente de aperfeiçoamento e requalificação. Agora, esta necessidade tornou-se ainda mais importante. A COVID-19 acelerou a necessidade de implementar uma ambiciosa agenda global de requalificação, forçando a digitalização e a automação num ritmo mais rápido. Enfrentar esse desafio pode resultar em progresso e benefícios económicos maiores até 2030.

Neste amplo processo (e havendo espaço para todos os intervenientes, das políticas ao cidadão), é solicitado às **Instituições de Ensino** (aos «**education providers**») que se foquem em algumas áreas:

1. Que considerem o futuro do trabalho como fonte de reinvenção para *normalizar* a aprendizagem ao longo da vida - cursos abertos online e outras formas de aprendizagem online, usando a tecnologia, além da conexão direta na aprendizagem tradicional;

---

<sup>1</sup> [https://www3.weforum.org/docs/WEF\\_Upskilling\\_for\\_Shared\\_Prosperty\\_2021.pdf](https://www3.weforum.org/docs/WEF_Upskilling_for_Shared_Prosperty_2021.pdf)

2. Que priorizem **currículos** de educação profissional e superior que são “just in time” em vez de “just in case”, trabalhando com as organizações/empresas;
3. **Que ampliem a oferta de aprendizagem** autodirigida e *nanodegree*<sup>2</sup> para aprendizagem ao longo da vida;
4. **Que construam pontes** entre os sistemas nacionais de qualificação e a aprendizagem ao longo da vida para que as competências sejam reconhecidas globalmente (Qualificações, experiências e reconhecimento);
5. **Que conectem** escolas e locais de aprendizagem entre si globalmente; (Conectividade)
6. Que desenvolvam e adotem taxonomia muito mais integrada e um sistema de reconhecimento de habilidades e credenciais entre países, sistemas educacionais e indústrias (Credenciação).

Uma coisa é certa – os fenómenos que estamos a refletir aqui não são específicos de Enfermagem. São uma realidade global e atual.

No centro deste relatório - **Upskilling for Shared Prosperity** - está a percepção de que as economias já não estão a responder ao que as pessoas precisam e exige-se uma reforma sistémica. E ao dar oportunidades a todas as pessoas para desenvolver as competências que necessitam para participar plenamente no futuro local de trabalho, podemos começar a criar economias e sociedades mais inclusivas e sustentáveis, onde ninguém é deixado para trás.

Não vou falar mais do Relatório mas recomendo vivamente que o leiam – ademais, porque os desafios suscitados pela desconexão entre os programas educacionais atuais e as competências que os empregadores precisam agora e no futuro foi nele assunto abordado.

E estejamos atentos ao encontro do Fórum Económico Mundial que regressa Davos-Klosters, na

---

<sup>2</sup> Nano-grau é um programa educacional on-line certificado que ajuda a desenvolver habilidades especializadas em áreas relacionadas com a ciência da computação, por exemplo, ciência de dados, programação, inteligência artificial, etc., o que lhes permitirá trabalhar com os mais recentes desenvolvimentos tecnológicos. “A nanodegree is a certified online educational programme that helps students develop specialised skills in areas related to Computer Science — e.g. Data Science, Programming, Artificial Intelligence, etc. Nanodegrees target professionals who want to learn new advanced skills or develop their current abilities, which will allow them to work with the latest technological developments. Unlike traditional academic programmes, nanodegrees are only available online. This allows future students to access the courses from anywhere and study at their own pace. Studying a nanodegree is the perfect solution for accomplished professionals who don’t want to put their careers on hold.” <https://www.mastersportal.com/articles/2852/what-is-a-nanodegree-should-i-study-one-in-2022.html>

Suíça, de 22 a 26 de maio, sob o tema “Working Together, Restoring Trust” - Trabalhando Juntos, Restaurando a Confiança.

Envolver-se seriamente na aprendizagem ao longo da vida é uma tarefa desafiadora. Copy-paste (*copiar e colar*) cursos existentes não vai funcionar. É preciso desenvolver novos *arranjos* de ensino e aprendizagem – mais curtos, modulares, em tempo parcial, com misturas de ensino presencial e aprendizagem autodirigida assíncrona. E fazer isso com qualidade exige um investimento enorme.

As **Instituições de Ensino Superior** são responsáveis pelo desenvolvimento de conhecimento e competências, produção de conhecimento e difusão de inovação. Desempenham um papel vital ao gerar capacidade de absorção, ajudando a desenvolver graduados qualificados, capazes de aplicar e sintetizar conhecimentos em todas as áreas e ajudar a renovar competências.

A **Agenda 2030** da UNESCO reconhece que “a educação é um objetivo em si e um meio para atingir todos os outros Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Isso requer mais do que *soundbites*. É um apelo à ação para todas as instituições de ensino superior.”

Tem de haver mais **porosidade** nas fronteiras entre os locais de aprendizagem formal e os locais de trabalho ou a comunidade. Modos inovadores de oferta formativa e avaliação, percursos de aprendizagem e carreira, tipos de cursos ou programas mais curtos e diferentes. Novas formas de modularização e micro-credenciação estão a tornar-se atraentes para estudantes tradicionais e não tradicionais.

À medida que **aprender** se torna uma jornada mais contínua e ao *longo da vida* para mais e mais pessoas na sociedade do conhecimento, as IES devem procurar ser guias de viagem e preferidos companheiros de viagem.<sup>3</sup>

Se virmos bem, as instituições de ensino superior sempre tiveram um papel importante em ajudar as sociedades no seu desenvolvimento e enfrentar novos desafios. Os graduados do ensino superior assumem novos empregos e também os criam. Assim, a aprendizagem ao longo da vida é, de certa forma, uma realidade através dos fluxos de conhecimento, cooperação, intercâmbio. Uma questão relevante é por que a aprendizagem ao longo da

---

<sup>3</sup> What is the role of universities in global upskilling? Jan Petter Myklebust and Hanne Smidt 29 January 2021. <https://www.universityworldnews.com/post.php?story=20210129110449887>

vida não tem sido mais visível e reconhecida, tanto como uma conquista para os estudantes, individualmente, quanto como uma missão da instituição de ensino superior.

Fala-se hoje (e está-se a implementar, com o apoio do PRR, Plano de Resiliência e Recuperação) um sistema novo, de **micro-credenciais** <sup>4</sup>. Trata-se de formações curtas após a graduação, podendo ser associadas a outros programas (a ideia do «empilhável»), sendo mais acessíveis em termos de custos, com certificados on-line e com compromissos de tempo mais curtos. As escolas não precisam reinventar a roda para criar um programa de certificação excepcional - podem combinar programas e micro-credenciais.

Embora as condições sejam, hoje, diferentes da recessão de 2007-2009 (para nós em Portugal, a TROIKA), muitas consequências da desaceleração económica e princípios de recuperação aplicam-se à crise da COVID-19. “Além das consequências devastadoras da pandemia para a saúde, a atual crise económica está a deixar uma marca na estabilidade financeira de indivíduos e famílias em todo o país, que tende a durar no futuro.”<sup>5</sup>

Do setor do **ensino superior** exigem-se estratégias rápidas e inovadoras. Ainda assim, novas estratégias devem ser adotadas e implementadas da forma mais ponderada possível. Ou seja, considerar fatores contextuais, incluindo uma avaliação dos recursos necessários, estabelecimento de parcerias e uma compreensão clara das implicações de saúde e segurança de qualquer estratégia proposta.

Chegados aqui, vejamos agora, o que tem a ver connosco, **ENFERMAGEM**. Ou melhor, connosco aqui na sala, primeiro.

Pensem um pouco nas ideias que têm sobre a *Escola*, eventualmente ancoradas na vossa experiência pessoal, que pode ter acontecido há algum tempo... se frequentaram alguma IES nos últimos anos, se ajuizaram sobre o impacto (em vós) do contexto pandémico.

Pensem nas ideias que têm (e nas vossas práticas) sobre a relação entre os contextos académicos e os contextos clínicos.

---

<sup>4</sup> Could micro-credentials compete with traditional degrees? <https://www.bbc.com/worklife/article/20200212-could-micro-credentials-compete-with-traditional-degrees>

<sup>5</sup> Higher Education and the Labor Market. Lessons on Recovery: The Value and Potential of Higher Education in Response to the COVID-19 Crisis By Isaac Kwakye and Emma Kibort-Crocker, August 2020. <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED613307.pdf>

Ou que lugar ocupa, na vossa mente, a investigação e que diferentes formas de conservadorismo podem afetar o nosso/ vosso entendimento.

Se adotaram e mantêm o *mito* da lacuna entre a teoria e a prática, o ensino e a clínica. Ou melhor, se refletiram sobre o mito do *afastamento* teoria-prática espelhado na lacuna relacional entre ensino e clínica. E digo *mito* de propósito.

Faço aqui um parêntesis.

Fala-se do afastamento ou do desfasamento entre a teoria e a prática, mas se indagarmos mais profundamente aparece com as roupagens da diferença entre o que se ensina nas escolas e o que se realiza nos contextos de prática clínica. Clarifiquemos que a expressão "lacuna teoria-prática" tem sido utilizada, pelo menos, em dois sentidos:

- num primeiro sentido, mais superficial, diz-se que existe um conhecimento intelectual que devia enformar as práticas e que tal não acontece, que o corpo de conhecimento não é usado como deveria ser – portanto, existe uma *lacuna de utilização*;
- noutro sentido, muitos enfermeiros questionam a relevância direta entre material *teórico* e prestação de cuidados, colocando em causa a relevância, importância ou utilidade da investigação e das teorias existentes – o que se pode designar por *lacuna de relevância*.

A lacuna de relevância é mais profunda e mais perturbadora - a razão de ser da investigação de enfermagem é produzir conhecimento que suporte a prática; se a teoria fôr irrelevante, então não teremos conhecimento de enfermagem; por isso, esta lacuna afeta as próprias fundações da disciplina e torna-se uma questão da filosofia de enfermagem.

A ideia de "lacuna teoria-prática" é um mito, que tem sido alimentado. Nem a prática decorre independentemente de teoria nem a teoria dispensa a realização da prática, o que não equivale a terem de ser consideradas o mesmo ou sobreponíveis. Já passámos demasiado tempo entretidos com o discurso da "lacuna teoria-prática" - é um modelo que marginaliza os que exercem a prática, os afasta da produção de conhecimento, ao mesmo tempo que cria clivagens entre contextos de atividade. (fim do parêntesis)<sup>6</sup>

Do ponto de vista histórico, temos algumas vantagens de partida para fazer face a novas exigências neste século XXI.

---

<sup>6</sup> Sobre o assunto, Nunes, L. (2018) Para uma epistemologia de Enfermagem. 2ª ed.; Risjord, M. (2009). Nursing Knowledge: Science, Practice, and Philosophy. Wiley-Blackwell.

Ninguém terá dúvidas que a Enfermagem se desenvolveu de forma assombrosa no último século, veio de ser um ofício com formação técnico-vocacional para uma disciplina do conhecimento, com formação inicial de nível superior e profissão auto-regulada.

Do ponto de vista político, a auto-regulação, ao determinar o acesso e o desenvolvimento da profissão, potenciou a definição de perfis de competências e padrões de qualidade dos cuidados. Aliás, nem se falava em micro-credenciais quando, nos idos de 2007, a Ordem dos Enfermeiros começou a desenvolver a ideia de «competências acrescidas».

Do ponto de vista da formação, há práticas consolidadas, que fazem parte do quotidiano e, diria, a ideia da formação contínua é, entre nós, não apenas antiga como bem alicerçada. Pode bem ser um exemplo de algo a conservar.

Volto a olhar o nosso título desta conversa

#### – **Novas exigências: que adaptações no Ensino de Enfermagem?**

Não vos parece que num mundo global e articulado, conectado, não se trata de **um** dos intervenientes, **adaptar-se**? Talvez possa ser mais desafiante (e provocativo) que ambos os intervenientes se adaptem, se alterem, se reformem. Aliás, reformar é formar de novo, por isso serve bem esta ideia.

**É o ensino de Enfermagem que precisa de se adaptar?** Admitamos, por paradoxo, que sim.

E se o ensino de Enfermagem se adaptar e a clínica se conservar? Não corríamos o risco de, como antes, os enfermeiros se qualificarem (como foi com o Complemento de Formação, o CCFE) e as práticas permanecerem praticamente inalteradas? Ou como pode ser interpretado que aconteceu em muitos sítios com as formações das especialidades? Na nossa cultura profissional, na nossa identidade profissional, há evidências históricas de que mudando a qualificação, se alteraram os contextos clínicos?

Estou aqui com intencionalidade de vos/nos provocar a pensar. E a delinear estratégias profissionais e educativas que sejam eficazes, congruentes, que sirvam a disciplina e a profissão, mas, sobretudo, sirvam as pessoas de quem cuidamos e cuidaremos – o que, no vosso caso, são as pessoas doentes e, no meu caso, os estudantes e os enfermeiros que se encontram em formação.

Não temos, ainda, uma compreensão que possibilite conectar todos?

Que os contextos clínicos, o ensino e o regulador da profissão precisam de trabalhar juntos?

Desculpem, mas com as transformações das últimas duas décadas, não podem seriamente estar a pensar que tem de ser (apenas o ensino) a mudar.

Ao que as Escolas mais fizeram face nas últimas duas décadas foi a mudanças....

1999, nível de licenciatura (vão 22 anos); processo de Bolonha até 2010 e área Europeia do Ensino Superior até 2020 (e vão 12 anos), área Europeia de Investigação. E depois, todas as mudanças com a COVID-19. Toda uma convulsão nas metodologias, o ensino a distância, os imperativos de formação dos docentes para fazer face à interrupção do regime presencial, os cancelamentos de acesso a contextos clínicos, a mudança dos planos curriculares acordada entre OE, CCISP e A3ES... e isto foi há pouco. Tem sido um corropio....

Temos reconhecido experiência profissional e formação na aquisição de graus. Hoje, na minha realidade profissional, estamos a efetivar os projetos propostos ao PRR, em que a micro-credencialização se evidencia.

E os contextos clínicos? Tiveram mudanças organizacionais e de estruturas, sim, claro. Fizeram face, em presencial direto, à pandemia. E alteraram alguns conteúdos e formatos das atividades, mercê das evidências, e das NOC's mas, reconheçamos, na maior parte dos casos, forçados pelo princípio da necessidade. E, em alguns nichos, como aqui (Fundação Champalimaud), fazendo face a desenvolvimentos tecnológicos de grande monta. Na altura das propostas, o ano passado, muitas instituições de saúde foram parceiras das instituições de Ensino Superior nas candidaturas ao PRR.

Eventualmente, mudámos muito nas diferentes realidades, no ensino, na clínica e na gestão. **Temos estado a trabalhar muito e isolados uns dos outros.**

Será que a COVID-19 poderá ter (também) como consequência esta evidência, esta consciência de que não vamos longe se não nos aliarmos e falarmos uns com os outros, se não nos aproximarmos efetivamente?

Tenho para mim que um dos fenómenos que a pandemia mais evidenciou foi a necessidade de informação, de articulação entre prestadores de cuidados, entre organizações, a nível local, regional, nacional e internacional. De um verdadeiro trabalho em rede.

Perceberão que entendo o ensino, as IES, como um espaço de desenvolvimento do conhecimento, de investigação e inovação e, portanto, nesta base, apontamos a um tempo histórico de futuro de uma realidade que a própria academia gerou e cuja dianteira lidera (ou pode liderar). Se assim for, o ensino não tem de se adaptar.

Pergunto-vos que compromissos e que papel podem assumir na proximidade da clínica ao ensino.

Pergunto-vos ao que estão dispostos para se aproximarem das IES, dizerem do que faz falta nas práticas e inventarmos juntos formas de resolver problemas e melhorar os cuidados.

Não se ponham de fora. Pois que tudo no ensino de Enfermagem tem a ver convosco como no ensino de Enfermagem tudo tem a ver com a qualificação para os cuidados. Melhores cuidados, mais justos, mais inclusivos, mais upskilled.

Mas só poderemos fazer isto juntos. Não uns pelos outros ou para os outros. Uns **com** os outros.

Espero bem que Einstein<sup>7</sup> tenha razão e que a medida da inteligência seja a capacidade de mudar. Pois precisamos urgentemente, todos nós, de mudar para mais perto uns dos outros.

---

<sup>7</sup> A medida da inteligência é a capacidade de mudar. Albert Einstein.